

## MEMÓRIA

Carlos Eduardo Falcão Uchôa,  
ILP do Liceu Literário Português/UFF

Os três textos que aqui se transcrevem são três das doze “notícias críticas”<sup>1</sup> que Mattoso Câmara escreveu, no período de 57 a 60, para a revista *A Cigarra*, de grande circulação na época, destinada ao público leitor em geral. Tais notícias figuravam na seção, que geralmente ocupava uma página, intitulada *Livros*. Nesta página, dava-se notícia de duas ou três obras, quase sempre literárias, publicadas recentemente. Foram colaboradores desta seção importantes representantes da intelectualidade brasileira, como Aurélio Buarque de Holanda, Afrânio Coutinho, Eduardo Portela, Otto Maria Carpeaux, Cecília Meireles e Darcy Ribeiro, entre outros.

Embora tais *notícias críticas* não tenham peso maior no conjunto da obra mattosiana, por elas serem, em geral, pouco conhecidas e por nelas se encontrarem aspectos expressivos que marcam o pensamento do intelectual e do lingüista brasileiro, decidiu-se aqui transcrever três delas, sobre três importantes obras dos estudos lingüístico-filológicos entre nós: *Iniciação à filologia portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo, o *Dicionário de sinônimos*, de Antenor Nascentes e a *Gramática do latim vulgar*, de Theodoro Henrique Maurer Jr.

### INICIAÇÃO À FILOLOGIA PORTUGUESA

Gladstone Chaves de Melo – 2ª edição, refundida e aumentada, com três mapas coloridos – Biblioteca Brasileira de Filologia nº 12 – Livraria Acadêmica – Rio de Janeiro, 1957.

É uma sincera satisfação para os colegas e amigos intelectuais de Gladstone Chaves de Melo verificar, com a publicação deste livro, que a Política não conseguiu desviá-lo dos seus estudos e interesses de filólogo honesto, criterioso e bem formado. A segunda edição da “Iniciação à Filologia Portuguesa” revela o resultado de um aprimoramento diuturno na especialidade em que o Autor já se firmara como expressiva figura. Trata-se de uma verdadeira refundição, que deu à obra muita maior amplitude e profundidade.

Deve-se destacar especialmente o maior acento dado à lingüística, como base “sine qua non” da filologia, o que na primeira edição não estava posto em termos muito nítidos. Gladstone tem toda a razão, quando, na linha de Meillet,

<sup>1</sup> Um estudo destas doze *notícias críticas* pode ser lido em: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. A colaboração de Mattoso Câmara em *A Cigarra* (1957-1960). *Confluência*: revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº 20, 2º semestre de 2001, p. 45-52.

prefere que se chame “Lingüística Portuguesa e não Filologia Portuguesa o estudo científico da nossa língua” (pág. 30), e em seguida estabelece: “Filologia é o estudo de textos literários, ao passa que Lingüística é estudo da língua como tal, independente de textos” (entenda-se “estéticos”) ou de beleza literária” (ibid.).

O livro, redigido numa linguagem simples, precisa e despretensiosa, fora do jargão filológico tão em moda entre nós, de um lado, e, de outro lado, sem o desleixo de composição que leva a frases redundantes e muitas vezes vazias, salpicadas de exibições extemporâneas de erudição (o que também não falta em nosso meio), apresenta idéias sólidas, ponderadas e claras, de que devem tomar conhecimento todas os nossos professores de língua materna.

Isto não significa que eu esteja em integral concordância com todos os pontos de vista doutrinários de Gladstone Chaves de Melo; assim, o seu alvitre de se considerar uma classe de “determinativos” ao lado dos substantivos e dos adjetivos (qualificativos), para dirimir a divergência entre os que interpretam esses instrumentos gramaticais como adjetivos e os que os interpretam como pronomes, parece-me um mero pano quente, que não vai ao âmago da questão e renova a atitude superada de João Ribeiro (“Gramática Superior”, 20ª ed., Rio, 1923, pág. 19 ss.). A solução definitiva foi dada por Said Ali; só há duas classes primárias (semânticas) – “nomes” e “pronomes”, e para uma e outra uma divisão secundária (funcional) em “substantivos” e “adjetivos”.

É claro que essa minha contestação não interfere com o alto apreço que me inspiram o livro, as idéias filológicas de Gladstone Chaves de Melo e a sua pessoa de intelectual; “doublé” de homem de bem em toda a extensão da palavra.

Está, pois, de parabéns a Livraria Acadêmica, que com esta publicação enriqueceu a sua Biblioteca Brasileira de Filologia e a Filologia Brasileira.

J.M.C.J.

(A *Cigarra*, Rio de Janeiro, dez. 1957)

### DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS

Antenor Nascentes – Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 343 págs. [1959]

A sinonímia é uma das questões mais intrincadas na ciência da linguagem. Parece colidir com o princípio da economia de funcionamento e estrutura, que se considera essencial na comunicação lingüística. Dois ou mais termos para exprimir exatamente a mesma coisa seriam, em verdade, um desperdício expressional, onerando a memória do falante e perturbando a compreensão do ouvinte. Sucede, porém, que os chamados “sinônimos” não exprimem a rigor a mesma coisa. Como nos diz Paul Garvin, a significação de um termo não é “pontual”, mas “linear”, e assim se explica por que há vários termos para cobrir essa linha, cada qual correspondente a um segmento distinto dela. Sem falar,

portanto, nas diferenças estilísticas – quer decorrentes da carga l’“nobres” e “cultos” em sua linguagem. Tornou-se, portanto, uma tarefa essencial da disciplina chamada filologia ou lingüística românica (que procura explicar a formação das línguas latinas) a dedução e a exposição do que era esse “latim vulgar” bastante diferente do “latim clássico” dos escritores romanos.

É um trabalho dessa natureza que nos apresenta o Professor Th. Henrique Maurer Jr., catedrático de Filologia Românica da Universidade de São Paulo. O título de “Gramática” não deve ser interpretado literalmente: o latim vulgar não se presta a uma descrição “gramatical”, no sentido estrito do termo, porque não é um “sistema” lingüístico usado num determinado momento e num determinado lugar por uma sociedade homogênea e coesa. É um conjunto de usos e inovações processando-se através dos tempos no território de domínio romano mas refugados na língua literária enquanto o permitiu a existência de uma elite social patricia com padrões literários tradicionais. O Professor Maurer parte do “postulado” de que o latim vulgar “fixou as suas características gerais básicas” no início da época imperial e dentro da cidade de Roma (p. 6) e se propõe a nos dar uma visão da Fonética, Morfologia, Sintaxe e Léxico dessa fase restrita no tempo e no espaço; mas mesmo assim não é uma “gramática” que se nos apresenta senão um apanhado das mais profundas tendências que iam distanciando o latim vulgar da “gramática” da língua literária.

É em língua portuguesa o trabalho mais amplo e completo no gênero. É comparável ao que fez algumas décadas atrás o professor norte-americano C.H. Grandgent; enquanto este, porém, principalmente se documentou com as obras populares ou já tardias da literatura romana (onde as tendências vulgares iam sufocando os preceitos da boa linguagem tradicional), bem como no acervo de escritos latinos sem cunho literário, o Professor Maurer prefere deduzir os aspectos do latim vulgar pela comparação do que apresentam as línguas românicas. Este segundo método dá uma reconstituição teórica, que alguns estudiosos modernos chamam proto-romance, para distinguir do latim vulgar propriamente dito revelado nos escritos populares. O Professor Maurer não faz a distinção, da mesma sorte que evita outras idéias e conclusões modernas que estão estabelecendo uma revisão e reformulação de problemas em lingüística românica.

O seu livro procura seguir as diretrizes de estudo e pesquisa firmadas antes desses esforços de reformulação e revisão, talvez porque tenha receado provocar um impacto perturbador no nosso ensino universitário de letras ainda incipiente. Da minha parte não concordo com tal receio e estou certo que impactos desses são antes salutares e estimulantes.

De qualquer maneira, a restrição não impede de reconhecer que a “Gramática do Latim Vulgar” é uma contribuição das mais valiosas para a filologia românica no Brasil e representa uma obra sólida, de nível universitário,

entre outras que a Livraria Acadêmica está lançando com acerto cultural e (é grato dizê-lo para honra dos estudantes e estudiosos brasileiros, às vezes tão mal julgados) com pleno sucesso comercial.

J.M.C.J.

(*A Cigarra*, Rio de Janeiro, out. 1960)